

O amanhã é das baratas



As manchetes de jornal dos últimos dias são assustadoras: “Rio tem 158 casos de dengue por dia”, “Crise faz hospital antecipar altas”, “Avanço de zika alarma o mundo”. Mas o carnaval está chegando, e com ele a folia que entorpece anualmente a cidade e a transforma num imenso bloco sem saída, entupido de purpurina e lixo por todos os lados.

Só que, como diz a famosa marchinha, este ano não vai ser igual àquele que passou. 2016 é “o ano que veio pra ficar”, anunciam os galhardetes espalhados por toda a parte pela Prefeitura. Enfim sediaremos as Olimpíadas. E mais: os primeiros jogos olímpicos da América Latina. Nenhum evento poderia ser mais consagrador, hoje, da cidade-espetáculo que o Rio de Janeiro insiste em ser há mais de um século. Mesmo que o cenário seja muito diferente hoje do que era em outubro de 2009, quando a cidade venceu a concorrência internacional para sediar os jogos, com base na soma positiva de vários fatores como a economia brasileira fortalecida pela crise econômica internacional, a descoberta do pré-sal na Bacia de Campos e o alinhamento inédito, no plano político, entre as esferas municipal, estadual e federal.

De lá pra cá, muita coisa mudou no cenário internacional, nacional e local. O preço do petróleo despencou. A China desacelerou. O Brasil entrou numa grave crise política, econômica e ambiental. O desemprego aumentou, o dólar mais que dobrou. E o descompasso foi ficando cada vez maior entre as esferas municipal, estadual e federal. Como o agravamento da crise política e econômica, o governo federal apresentou déficit recorde em 2015. E o Rio de Janeiro apresentou o pior resultado nas contas

públicas entre todos os estados brasileiros, nos últimos dois anos, em função da queda nas receitas com royalties de petróleo e a redução da arrecadação com ICMS do setor de óleo e gás, afetado pela Operação Lava-Jato.

A Prefeitura se esforça a todo custo, no entanto, por manter o quadro de otimismo que inflou a cidade nos últimos anos. Pelo menos até as Olimpíadas e as próximas eleições municipais – as quais, convém lembrar, serão realizadas dois meses depois do encerramento dos jogos. A crise financeira do Estado ameaça fechar equipamentos culturais que se tornaram emblemáticos do “renascimento” do Rio, como as Bibliotecas-Parque? A Prefeitura assume. A saúde pública entra em colapso, com a falta de repasse aos hospitais estaduais? A Prefeitura assume. E em meio a tanta desgraça, salvam-se as notícias de inaugurações de obras municipais: o Parque de Deodoro, a Praça Mauá, o Museu do Amanhã.

Embalada por campanhas de publicidade maciças, que bombardeiam imagens espetaculares das novas obras na TV, nas páginas do jornal, na janela do táxi e até no carnê do IPTU, essas inaugurações garantem uma adesão popular imediata ao marketing da “Cidade Olímpica”. Em menos de 1 mês, o Museu do Amanhã recebe 100 mil visitantes. E o número seria muito maior, caso tivessem sido contabilizados todos aqueles que desistiram da fila de 3 horas sob o céu inclemente do verão carioca, ao qual o balanço de 70 metros da nova estrutura não oferece qualquer abrigo, mesmo com todo o potencial tecnológico empregado na obra. O piso de pedra e a ausência de arborização tampouco ajudam. E se a brisa do mar poderia oferecer algum conforto, o mau cheiro lembra que a despoluição da Baía de Guanabara, prevista no dossiê de candidatura da cidade à sede dos Jogos, não foi além da promessa. Mas quem se importa? Para muitos, basta o selfie diante da estrutura projetada pelo arquiteto espanhol Santiago Calatrava, que viraliza o discurso autocelebrativo imperante na cidade nos últimos anos. Está aí a prova de que a cidade é includente, comemoram os principais responsáveis pela obra: a Prefeitura, a Fundação Roberto Marinho e o Banco Santander.

Mas é no projeto educativo do museu (museu?) que a apologia do futuro chega ao extremo. Ao público infantil, oferece-se como atividade educativa um “Passeio das Baratas”, em que os visitantes são convidados a se vestir de baratas e ver o museu sob a perspectiva delas, na companhia de dois atores também fantasiados de insetos. Explica um dos integrantes do Conselho Científico do Museu do Amanhã: “As baratas estão no planeta há 250 milhões de anos e provavelmente permanecerão aqui depois de nós. O amanhã pertence a elas”. A ideia, diz ele, é de um grupo de artistas (artistas?) dinamarqueses, que já realizou atividade semelhante no Museu de Ciências de Londres e “trouxe ao Brasil obras que convidam à ação”. (*O Globo*, 30.01.2016)

Mas então é esse o futuro de todo o esforço que tem sido feito nos últimos tempos em termos de educação não-formal em museus e espaços culturais, no Brasil e no mundo?

Para além de seu caráter lúdico, qual a contribuição de tamanha “inovação”, em termos de sensibilização, desenvolvimento da capacidade crítica e do pensamento reflexivo, sobretudo num país de desigualdade e miséria tão brutais como o Brasil, em que a educação – formal e não-formal – tem papel inegável? Que ideia de “ação” embasa um projeto supostamente artístico-educativo como esse, que abre o mais novo espaço cultural da cidade e principal âncora do projeto de revitalização de sua área portuária? Sabemos que o futuro da “Pátria Educadora” é, no mínimo, incerto. Mas se ele for também rastejante, não haverá Olimpíada que nos salve da microcefalia intelectual que nos acomete.

Ana Luiza Nobre, jan 2016